



Planejamento Financeiro Pessoal: Um Estudo com Discentes do Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação

Resumo

Este estudo tem como objetivo identificar a gestão financeira pessoal de estudantes do ensino médio, graduação e pós-graduação. Em relação a metodologia, considera-se uma pesquisa quantitativa, descritiva e do tipo levantamento. A amostra foi composta por 47 alunos do ensino médio de uma escola pública estadual, 80 graduandos e 30 pós-graduados de uma universidade comunitária localizados na cidade de Itajaí/SC. O instrumento de coleta, com base em Halper (2003) teve 16 questões fechadas e foi aplicado pessoalmente aos discentes no mês de março de 2017. Os resultados apontam que em relação ao perfil financeiro pessoal 50% dos respondentes possuem casas ou apartamentos e veículos com obtenção por meio de recurso próprio. Quanto à investimentos financeiros, a poupança foi a opção mais recorrente. Em relação ao salário, o ensino médio possui menor renda. No que tange ao planejamento financeiro pessoal quanto maior a idade e o grau de instrução, maior a ocorrência de planejamento e controle dos recursos e suas aplicabilidades. Por fim, sobre a situação financeira atual dos discentes, os resultados evidenciaram que 26% dos respondentes do ensino médio afirmaram estar “sem dívidas”, 28% dos graduandos e 27% dos pos-graduados asseveraram estar guardando dinheiro para comprar algo que muito desejam.

Palavras-chave: FINANÇAS PESSOAIS; PERFIL FINANCEIRO PESSOAL; DISCENTES.

Linha Temática: Finanças e Mercado de Capitais – Finanças Pessoais.



1 Introdução

O tema das finanças pessoais e do endividamento vem assumindo ao nível mundial cada vez mais importância. No Brasil, como consequência da estabilidade econômica iniciada a meados da década de 1990 com a implantação do Plano Real, houve necessidade de adaptação a essa nova realidade. Depois de se passar por períodos de alta inflação, onde o resguardo do poder de compra era apenas adotar um comportamento consumidor, chegou-se à estabilidade inflacionária obrigando a fazer mudanças na maneira de gerenciar o dinheiro.

O aquecimento econômico brasileiro unido a um aumento da oferta creditícia tem levado às pessoas com pouca “alfabetização financeira” (*Financial Literacy*) ao endividamento. Por sua vez, esses indivíduos endividados, sem dinheiro para honrar seus compromissos, começam a manifestar dificuldades no relacionamento pessoal, familiar e profissional (Cerbasi, 2004), ocasionando, além dos problemas econômicos, certo grau de instabilidade social.

No cenário internacional a crise financeira e econômica que teve início em 2008 nos Estados Unidos, espalhando-se depois para o resto do mundo, teve como origem os empréstimos concedidos a uma camada específica da população para financiamento de imóveis. Os tomadores dos créditos eram cidadãos com baixa renda, baixo nível de instrução e mínima alfabetização financeira, sem ativos ou garantias para caução dos empréstimos (Lusardi & Tufano, 2009).

Embora o entendimento básico da alfabetização financeira relacione-se com a competência da pessoa no manejo do seu dinheiro, sua definição tem sido formulada de diversas formas no mundo acadêmico (Remund, 2010). Desde o início do século XX existiam pesquisas nos Estados Unidos em educação do consumidor (Jelley, 1958), mas a complexidade na administração de assuntos financeiros nos últimos quarenta anos, segundo Greenspan (2003), fez com que a gestão das finanças pessoais se tornasse um tópico importante de investigar na atualidade.

A gestão financeira pessoal pode ser entendida como a decisão de definir uma estratégia a seguir para manter ou acumular bens e valores que formarão o patrimônio individual ou da família (Halfeld, 2006). Tal estratégia pode-se estabelecer para o curto, médio ou longo prazo, mas sempre visando uma estabilidade econômico-financeira. Contudo, esse proceder pressupõe uma apropriada alfabetização financeira.

Após a crise de 2008 o tema tem se tornado precedente e oportuno e continua a ser uma preocupação para economistas, profissionais do mercado financeiro, pesquisadores desta área e para os governos. Segundo Lusardi e Mitchell (2007) cada vez é mais importante para as famílias adquirir e gerenciar o *know-how* econômico. Mas, como apontam essas autoras, na prática existe um analfabetismo financeiro generalizado. Assim, muitas famílias não possuem conhecimento de conceitos econômicos básicos que lhes possibilitem tomar decisões sensatas de poupança e investimento.

No âmbito profissional, em particular os graduados em cursos universitários, possuem a formação técnica necessária, porém como tem sido comprovado em diversas pesquisas, dentre outras as de Danes e Hira (1987), Volpe, Chen e Pavlicko (1996), Chen e Volpe (1998), Avard *et al.* (2005), Volpe, Chen e Liu (2006), Robb e Sharpe (2009), os estudantes saem do ensino superior sem saber claramente como funcionam as finanças. Logo não entendem de aplicações financeiras, poupança, aposentadoria, previdência, investimento em ações, entre outros (Lana *et al.*, 2011).

Visando a necessidade de uma vida financeira organizada, o Decreto 7.397/2010 instituiu a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que tem como objetivo promover a educação financeira, contribuindo para o fortalecimento da cidadania a eficiência



e solidez do sistema financeiro nacional e a tomada de decisões conscientes por parte dos consumidores.

Diante deste contexto, este estudo buscou resposta ao seguinte questionamento: Como os estudantes do ensino médio, graduação e pós-graduação administram sua gestão financeira pessoal? Em busca da sua resposta, definiu-se como objetivo geral identificar a gestão financeira pessoal de estudantes do ensino médio, graduação e pós-graduação. Para tanto se utilizou o modelo de Halpern (2003), aplicado a dados provindos de uma *survey* realizada com os referidos estudantes.

Salienta-se que os estudantes devem estar preparados para cuidar de suas finanças antes mesmo de ingressar na faculdade, já que nesta fase é que eles entram para o mercado de trabalho e começam a planejar seu futuro. Desta forma, essa pesquisa torna-se importante, pois acredita-se que a educação financeira pode contribuir para a construção da competência financeira, necessária para o estudante enfrentar os desafios da sociedade contemporânea, assim como compreender como as habilidades financeiras podem ajudá-lo a viver melhor e com menos riscos.

Após esta introdução, o trabalho está estruturado em outras cinco seções. A fundamentação teórica sobre o tema se apresenta na segunda seção e a abordagem metodológica na seguinte. Na sequência, se analisam os dados e na quinta seção apresentam-se as considerações finais. Por último se listam as referências utilizadas.

2 Fundamentação Teórica

Nesta seção buscou-se definir o marco teórico que delimitou o estudo, partindo da evolução conceitual da educação financeira para, a seguir, descrever os principais referenciais do modelo de Halpern (2003).

2.1 Alfabetização Financeira

Como é pontuado na tese de Kehiaian (2012), onde foi feito um breve histórico do tema, a educação financeira é um assunto que se vem trabalhando desde o início do século passado. Segundo esse autor o primeiro livro que discute sobre finanças pessoais foi escrito em 1905 por Ellen Richards. Entretanto, o conceito de alfabetização financeira é mais recente e tem sido definido de diversos modos.

Segundo Xu e Zia (2012) o termo alfabetização financeira pode abranger diferentes conceitos. Entre eles, por exemplo, a sensibilização e conhecimento sobre finanças, os produtos financeiros, as instituições, as habilidades pessoais, a capacidade de gestão do dinheiro e o planejamento financeiro. Na prática, há sobreposição desses termos até num mesmo texto.

Algumas das definições incluem o acesso ao conhecimento sobre o assunto e seu uso prático (Moore, 2003). Sob essa ótica a alfabetização pressupõe a aplicação ativa do conhecimento e, na medida em que a pessoa é mais alfabetizada financeiramente, adquire maiores competências financeiras. Entretanto, conforme salientavam Marcolin e Abraham (2006), há necessidade de desenvolver pesquisas que relacionem a alfabetização com o comportamento financeiro propriamente dito. No entender das autoras, nem todos os aspectos da alfabetização financeira possuem significância no sentido de determinar um bom comportamento financeiro e assim se obter sucesso nas operações e sua sustentabilidade.

Ao revisar a bibliografia sobre o tema percebe-se que um mesmo autor, segundo o trabalho que se analise, pode utilizar ou dar definições diferentes. Pois como ressaltam Lusardi e Tufano (2009) as pesquisas do tema costumam relacionar os conceitos de economia e finanças dos indivíduos com suas decisões financeiras relacionadas à poupança, ao planejamento da aposentadoria e a carteira de investimentos. Ou seja, um leque bastante amplo como para ser contemplado por uma definição unanimemente aceita.



Contabilidade e Perspectivas Futuras

Florianópolis, SC, Brasil
Centro de Eventos da UFSC
12 a 14 de agosto de 2018

Na avaliação de Hung, Parker e Yoong (2009) as formas em que a alfabetização financeira foi definida incluem: i) uma forma específica de conhecimento; ii) uma habilidade de aplicar esse conhecimento; iii) um conhecimento percebido; iv) ter bom comportamento financeiro; e, v) ter experiência financeira. Contudo, como Huston (2010) assinala, o conceito tem sido usado como sinônimo de educação financeira e de conhecimento financeiro, e argumenta ainda que isto não cabe, pois são conceitualmente coisas diferentes.

Argumenta a autora que podem ser reconhecidas duas dimensões para a alfabetização financeira. Uma relativa ao conhecimento ou educação que chama de entendimento e outra relacionada à aplicação do entendimento na gestão das finanças pessoais. Ou seja, é vista como a medida de quanto um indivíduo consegue entender e usar informações relacionadas às finanças pessoais (Huston, 2010).

Segundo sugere Huston (2010) o constructo deve ser medido em quatro dimensões, quais sejam: i) o valor do dinheiro no tempo, poder de compra, as demonstrações financeiras; ii) os empréstimos, ao usar recursos futuros no presente através do uso de crédito rotativo e parcelamento empréstimos; iii) os investimentos ou a poupança de recursos presentes para uso no futuro por meio de contas de poupança, ações, títulos, fundos mútuos; e, iv) a proteção de ativos por meio de produtos de seguros ou outras atividades de gestão de risco.

Remund (2010) observa que vários pesquisadores têm utilizado a frase livremente para descrever o conhecimento, a confiança, a motivação, e as habilidades necessárias para gerir eficazmente o dinheiro. Como resultado, na literatura existente encontram-se diferentes definições conceituais, bem como diversas definições operacionais. Este autor tipifica as definições que encontrou em sua análise em cinco categorias: i) conhecimento de conceitos financeiros; ii) habilidade de comunicar-se utilizando estes conceitos; iii) aptidão em administrar suas finanças pessoais; iv) habilidade em tomar decisões financeiras apropriadas; e, v) confiança em planejar-se, de forma efetiva, para necessidades futuras.

Baseado nos cinco conceitos-chave Remund (2010, p. 284) definiu a alfabetização financeira do seguinte modo:

Alfabetização financeira é a medida do grau em que um indivíduo entende os principais conceitos financeiros e possui a habilidade e confiança para administrar, de forma apropriada, suas finanças pessoais, por meio de decisões de curto-prazo e planejamento financeiro de longo prazo, em meio aos eventos que ocorrem em sua vida e às mudanças de condições econômicas.

No entanto, ter alfabetização financeira, isto é, possuir o conhecimento financeiro e a habilidade para aplicá-lo, não significa que se tenha um comportamento adequado com relação às finanças pessoais. Vários fatores e condições podem influenciar o comportamento financeiro e o bem-estar financeiro, como assinalado Huston (2010).

2.2 Modelo de Halpern (2003)

O modelo sugerido por Halpern (2003) trata as finanças pessoais por três aspectos principais: educação financeira, gestão de crédito e gestão de ativos, os que se abordam a seguir.

2.2.1 Educação financeira

Educação envolve os indivíduos em um processo de ensinar e aprender e com isso se melhoram e aprofundam conhecimentos. No que tange a educação financeira, Jacob, Hudson e Bush (2000), explicam que o termo “educação” implica em conhecimentos de práticas, direitos, normas sociais e atitudes necessárias ao entendimento e funcionamento das tarefas financeiras. Já o termo “financeira” aplica-se a uma vasta escala de atividades relacionadas ao dinheiro nas nossas vidas diárias: desde o controle do cheque até o gerenciamento de um



cartão de crédito; desde a preparação de um orçamento mensal até a tomada de um empréstimo; compra de um seguro ou um investimento, dentre outros.

Educação financeira é o modo pelo qual o indivíduo busca adquirir conhecimentos necessários para gerenciar coerentemente suas finanças e tomar boas decisões sobre elas. Ter capacidade de gerenciar de forma correta as receitas, tomando decisões essenciais quanto ao uso dos recursos disponíveis e visando os acontecimentos de hoje, mas não deixando de pensar no futuro. Para Halfeld (2006), a educação financeira é essencial aos consumidores para auxiliá-los a planejar e gerir sua renda, além de orientá-los a poupar e investir.

Sua importância, segundo Frankenberg (1999), pode ser analisada sob diversas perspectivas, entre as quais se destaca o bem-estar pessoal e as consequências, que vão desde a desorganização das contas domésticas até a inclusão do nome em sistemas como o de Serviço de Proteção ao Crédito. Esta assertiva é complementada por Rocha (2009) ao argumentar que a administração ineficiente do dinheiro deixa os consumidores vulneráveis a crises financeiras mais graves. Na mesma perspectiva, Assaf Neto (2005) discorre que as operações de mercado e as forças competitivas ficam comprometidas quando consumidores não possuem habilidades para administrar efetivamente suas finanças.

Desta forma, destaca-se o valor da educação financeira, que compreende a inteligência de ler e interpretar números. Isto é, utilizar informações para organizar um planejamento financeiro que garanta um consumo saudável e um futuro equilibrado nas finanças pessoais. Quando essa educação é adquirida e aprimorada, os indivíduos planejam seu futuro para adicionarem ativos e possuem um nível satisfatório de renda, além de saber preparar orçamentos ajustados com as suas capacidades financeiras.

2.2.2 Gestão de crédito

A oferta do crédito no Brasil teve um grande crescimento nos últimos anos permitindo que muitos brasileiros realizem seus objetivos e sonhos com facilidade e também em tempo mais hábil. Por outro lado, conforme coloca Silva (2006), é necessário que todo este consumo acelerado seja controlado e planejado, de maneira que essas compras expressem um histórico positivo para o Brasil e não o aumento do endividamento.

Desta forma, na concepção de Securato (2002) é indispensável que seja efetivado o planejamento financeiro pessoal, pois, quando o indivíduo realiza investimentos em ativos ele pode identificar a melhor maneira de utilizar seus créditos, de forma que não assuma riscos maiores que sua capacidade financeira e, no caso de uma eventual crise, encontre uma forma de se manter diante do mercado.

O não planejamento da vida financeira leva aos gastos supérfluos e impede a oportunidade de obter uma poupança ou investimentos rentáveis para a vida pessoal, que traga garantias futuras. Cerbasi (2004) orienta que antes de aproveitar as oportunidades de créditos que o mercado proporciona aos consumidores, é essencial observar a relação custo-benefício com a compra que irá efetuar e se há possibilidades ainda de obter um produto compatível, mas com valores inferiores ou se realmente a compra será de utilidade.

O mercado financeiro tem fornecido oportunidade de compra aos consumidores com condições de pagamentos de formas exageradas, podendo com isso causar inadimplência. Sempre antes de efetuar uma compra a prazo, principalmente se as parcelas forem muitas, é primordial que seja elaborado um planejamento verificando a disponibilidade de dinheiro para a quitação de cada parcela de acordo com o mês de vencimento (Halfeld, 2006).

A função do crédito é muito importante para o crescimento do país, pois eleva o poder aquisitivo gerando mais produção e, conseqüentemente, mais empregos. Porém, seguindo as orientações de Securato (2002) os indivíduos devem estar bem cientes antes de contratar um crédito, para assim não comprometer o orçamento familiar com diversas dívidas e taxas de juros.



2.2.3 Gestão de ativos

Em um sentido restrito, investimento é a aplicação de recursos, em dinheiro ou títulos de crédito, que sejam capazes de trazer um retorno maior do que o aplicado inicialmente. Os rendimentos financeiros gerados pelo período em que os recursos se mantiveram aplicados compensam o tempo em que estes valores estiveram paralisados e impossibilitados de realizar outras transações (Gitman, 2001).

Investimento também pode ser considerado a aplicação em bens, como a aquisição de veículos, terrenos ou imóveis, mas que tragam ao investidor expectativas de lucro sobre os recursos que foram gastos com eles. Este seria um sentido mais amplo sobre investimentos, buscar meios que aparentemente sejam rentáveis fazendo que o indivíduo aplique seus recursos para futuramente capturá-los com ganhos e assim realizar outros investimentos.

Para Frankenberg (1999), realizar investimentos que sejam rentáveis é uma tarefa difícil, principalmente se o investidor apresentar insegurança. Dependendo da situação, por exemplo, os recursos a serem aplicados podem ser elevados, deixando o indivíduo na incerteza de arriscar devido à representação do montante a ser investido. Por outro lado, não enfrentando esses riscos também poderá perder a possibilidade de destinar um recurso que lhe traga benefícios.

Assaf Neto (2005) salienta que uma importante tarefa a ser realizada para ocorrer com eficiência a aplicação de recursos é a gestão dos investimentos. Ou seja, a administração dos créditos de forma organizada e equilibrada, procurando tomar as decisões fundamentais quanto à escolha de um investimento e alcançar o sucesso financeiro pessoal.

Desta forma, para iniciar a gestão de qualquer investimento é necessário que os indivíduos organizem primeiramente suas finanças pessoais. O controle das dívidas e a realização de um planejamento coerente devem demonstrar a realidade de suas finanças e a situação dos seus recursos, aqueles já comprometidos com alguns gastos e os disponíveis para investir. Conforme orienta Alfest (2004), um passo importante a se realizar é a definição clara dos objetivos de investimentos, ou seja, decidir em que serão aplicados todos os recursos disponíveis.

Infere-se, assim, que sem tal definição poderá realizar investimentos desnecessários e prejudiciais à saúde financeira. Portanto, é necessário agir com racionalidade. Verificar o que busca com prioridade para sua vida pessoal e seguir exatamente o que foi orçado, mantendo-se atento a novas aquisições fora do orçamento, para não afastar seu foco.

Nesta linha de pensamento, Halfeld (2001) argumenta que o melhor investimento a se realizar é aquele que não implica na saúde financeira do investidor, trazendo mais tranquilidade para prosseguir com seus objetivos. Torna-se essencial descobrir o grau de tolerância ao risco, uma vez que quanto maior o risco, geralmente, poderá ser maior a rentabilidade do negócio. Segundo Assaf Neto (2005), aquilo que o investidor se sente seguro ao destinar seus recursos caracteriza a tolerância ao risco. E, no caso de uma eventual crise, não traga prejuízos significantes.

O sucesso financeiro evidencia Costa (2004), está no gerenciamento correto das finanças pessoais. Aquele que consegue organizar e planejar com eficiência a vida financeira também é capaz de realizar reservas significativas, obtendo segurança no momento de necessidade e sustentabilidade em longo prazo. Este mesmo indivíduo também tem a competência e toda a instrução necessária de procurar bons investimentos sem precisar endividar-se para conquistar aquilo que deseja. Neste sentido, o jovem que pensa no futuro e inicia desde cedo disciplinadamente a poupar parte de suas receitas recebidas terá a possibilidade de alcançar uma vida confortável no futuro, conquistar o equilíbrio financeiro e sucesso em seus investimentos.



3 Metodologia

A metodologia compreende o conjunto de métodos e técnicas aplicadas aos dados para a obtenção de resultados. Em sentido amplo, para Marconi e Lakatos (2011, p. 46) “[...] método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo, traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões”. Assim, toda pesquisa deve ser organizada e concretizada de acordo com as normas de cada método.

Considerando a sua natureza esta é classificada como uma pesquisa básica, pois, segundo Gil (2002, p. 26) esta tipologia “[...] objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”.

Em relação ao objetivo, este estudo é classificado como descritivo. Para Gil (2002, p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Quanto aos procedimentos, assume a forma de levantamento de dados, já que envolve a interrogação direta das pessoas e também o auxílio de questionário, para obter a explicação da pesquisa independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Pela forma de abordagem do problema, enquadra-se como uma pesquisa quantitativa, pois conforme a visão de Marconi e Lakatos (2010, p. 170), “[...] empregam artifícios quantitativos tendo o objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas ou amostras de populações e programas”.

Em relação à coleta de dados, utilizou-se um questionário com perguntas fechadas elaborado com base em Halpern (2003) aplicado pessoalmente pelos pesquisadores nas salas de aula no mês de março de 2017. A população esteve composta por 80 estudantes do ensino médio de uma escola pública de Itajaí/SC; 96 discentes de graduação dos 7 e 8 períodos do Curso de Ciências Contábeis da Universidade do Vale do Itajaí/SC e 33 pós-graduandos do Curso de Especialização em Gestão Tributária e Finanças - Campus Itajaí/SC, resultando em uma amostra de 157 respondentes.

O instrumento estava dividido em dois blocos. O primeiro, com 5 questões referentes aos dados dos discentes (idade, gênero, estado civil, se tem filhos, com quem reside). O último, relacionado a gestão das finanças pessoais, formado por 11 perguntas divididas em 3 categorias, quais sejam: 1ª) perfil financeiro pessoal 2ª) planejamento financeiro pessoal; 3ª) situação financeira atual.

Os dados, após terem sido digitados em uma planilha eletrônica Excel® foram analisados descritivamente com base nas frequências das respostas.

4 Resultados e Análise dos Dados

Esta parte do artigo apresenta as análises realizadas com base nos dados coletados e de acordo com a metodologia especificada.

4.1 Caracterização da Amostra

Em busca de traçar um perfil financeiro foi escolhido o público para a amostragem, estudantes do ensino médio, graduação e pós-graduação, conforme se exhibe no Quadro 01.

Descrição	Ensino Médio	Graduação	Pós-Graduação	Total
População	80	96	33	209
Amostra	47	80	30	157
% amostra	59%	83%	91%	-
Percentual da amostra	30%	51%	19%	100%

Quadro 01. População e amostra da pesquisa e percentuais de representatividade



Contabilidade e Perspectivas Futuras

Florianópolis, SC, Brasil
 Centro de Eventos da UFSC
 12 a 14 de agosto de 2018

Com base no Quadro 01, verifica-se que participaram da pesquisa 47 alunos do ensino médio, que representam 30% dos pesquisados; 80 acadêmicos do curso de ciências contábeis, que representam 51% da amostra; e 30 do curso de Pós-Graduação em Gestão Tributária e Finanças, os quais representam 19% do total dos pesquisados.

A faixa etária média dos discentes respondentes é de 17 anos para alunos do ensino médio, 24 anos para alunos de graduação e de 32 anos para os alunos de pós-graduação. Quanto ao gênero, dos alunos do ensino 51% são do sexo masculino e 49% do sexo feminino; dos alunos de graduação de ciências contábeis 38% do sexo masculino e 63% feminino; dos alunos de pós-graduação 53% do sexo masculino e 47% feminino. Em relação ao estado civil, constatou-se que dos alunos do ensino médio 87% são solteiros, 13% são casados; já os acadêmicos do curso de Ciências Contábeis 79% são solteiros, 21% casados; no curso de pós-graduação em gestão tributária e finanças 67% são solteiros, 53% casados.

Na sequência dos questionamentos, buscou-se identificar se os alunos têm filhos. Em relação ao ensino médio, 11% possuem dependentes, no curso de graduação de ciências contábeis 8% e no curso de pós-graduação 33%.

Por fim, quanto ao domicílio dos pesquisados, contatou-se que os alunos do ensino médio (83%) e alunos da graduação (69%), a maioria reside com os pais. No curso de pós-graduação a moradia encontra-se dividida em morar com os pais e com cônjuge, sendo 40% e 53% os percentuais respectivamente.

4.2 Análise Descritiva da Gestão Financeira Pessoal

Neste tópico serão descritos e analisados os dados levantados sobre as três categorias especificadas na metodologia.

4.2.1 Perfil Financeiro Pessoal

As questões aplicadas nesta etapa da pesquisa tinham como objetivo identificar aspectos do perfil financeiro dos respondentes, com o propósito de averiguar se eles possuem bens e suas origens, investimentos e suas origens e faixa de renda salarial mensal.

As informações coletadas quanto aos bens dos respondentes e sua origem estão apresentados no Quadro 02. Este aponta o percentual de estudantes que possuem os elementos apresentados, em relação ao total dos repondentes de cada curso. Destaca-se que ao responder perguntas relacionadas a bens e investimentos, era possível escolher mais de uma alternativa.

Bens	Ensino Médio		Graduação		Pós-Graduação		Frequência Total	% Total
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%		
Casa ou Apto.	16	34%	37	46%	26	87%	79	50%
Herança ou Doação	7	15%	6	8%	5	17%	18	11%
Recursos Próprios	7	15%	19	24%	12	40%	38	24%
Financiamento	2	4%	12	15%	9	30%	23	15%
Lote Urbano	3	6%	18	23%	7	23%	28	18%
Herança ou Doação	1	2%	3	4%	2	7%	6	4%
Recursos Próprios	2	4%	14	18%	5	17%	21	13%
Financiamento	0	0%	1	1%	0	0%	1	1%
Veículo	12	26%	43	54%	23	77%	78	50%
Herança ou Doação	2	4%	4	5%	0	0%	6	4%
Recursos Próprios	8	17%	20	25%	12	40%	40	25%
Financiamento	2	4%	19	24%	11	37%	32	20%
Empresa	1	2%	7	9%	3	10%	11	7%
Herança ou Doação	1	2%	1	1%	0	0%	2	1%
Recursos Próprios	0	0%	6	8%	3	10%	9	6%
Financiamento	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%

Quadro 02. Quantidade e percentual de bens e suas origens



Entre os respondentes é possível observar, de acordo com os dados do Quadro 01, que 50% da amostra total, afirmam possuir imóvel e veículos. Sendo 34% dos alunos do ensino médio, 46% dos acadêmicos de graduação e 87% de Pós Graduação disseram possuir casa ou apartamento. Quanto a posse de veículo, 26% dos alunos do ensino médio, 54% da graduação e 77% da Pós Graduação.

Em relação ao recurso utilizados para a aquisição de bens dos respondentes, apontou se que a forma mais comum é a utilização do recursos próprios.

O Quadro 03 apresenta fórmula semelhante ao quadro anterior para a coleta de dados e, o questionamento foi referente aos investimentos financeiros dos respondentes e a origem dos mesmos.

Investimentos	Ensino Médio		Graduação		Pós-Graduação		Frequência Total	% Total
	Frequência	%	Frequência	%	Frequência	%		
Poupança	21	45%	40	50%	17	57%	78	50%
Herança ou Doação	3	6%	0	0%	0	0%	3	2%
Recursos Próprios	18	38%	40	50%	17	57%	75	48%
CDB ou Fundos	1	2%	11	14%	10	33%	22	14%
Herança ou Doação	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Recursos Próprios	1	2%	11	14%	10	33%	22	14%
Ações	0	0%	3	4%	2	7%	5	3%
Herança ou Doação	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Recursos Próprios	0	0%	3	4%	2	7%	5	3%
Outros	7	15%	7	9%	7	23%	21	13%
Herança ou Doação	0	0%	2	3%	2	7%	4	3%
Recursos Próprios	7	15%	5	6%	5	17%	17	11%

Quadro 03. Quantidade e percentual de tipos de investimentos e origens dos recursos

Ao analisar o Quadro 03, percebe-se que os dados coletados demonstram que a forma de investimento mais utilizado pelos respondentes é a poupança, sendo que 50% afirmam que possuem. O investimento em CDB ou fundos é a opção escolhida de 14% do total dos respondentes, e apenas 3% deles mencionaram ter aplicação em ações. A amostra de 13% dos respondentes afirmam aplicar em outras formas de investimento não especificadas.

A renda dos respondentes, último item desta categoria, foi considerada apenas a salarial, não somando ganhos em aplicações e trabalhos extras e ou eventuais. Os resultados obtidos encontram-se apresentados no Quadro 04.

Faixa de renda salarial	Ensino Médio	%	Graduação	%	Pós-Graduação	%	Total	%
Até R\$ 1.000,00	31	66%	3	4%	-	0%	34	22%
De R\$ 1.000,01 a R\$ 3.500,00	14	30%	68	85%	8	27%	90	57%
De R\$ 3500,01 a R\$ 5.000,00	2	0%	6	8%	13	43%	21	13%
Acima de R\$ 5.000,00	-	-	3	4%	9	30%	12	8%
Total	47	100%	80	100%	30	100%	157	100%

Quadro 04. Faixa de renda salarial

Com base nos dados do Quadro acima, observa-se que, 66% dos respondentes do ensino médio tem a faixa de renda salarial de até R\$ 1.000,00, entre os alunos de graduação 85% possui faixa de renda entre R\$ 1.000,01 a 3.500,00, e os respondentes de pós graduação 43% com renda de R\$ 3.500 a R\$ 5.000,00. Portanto, de acordo com os resultados obtidos, verifica-se que os pós graduandos apresentaram a renda salarial mais elevada.

4.2.2 Planejamento Financeiro Pessoal

Após identificar as característica dos respondentes e o perfil financeiro dos mesmos, a pesquisa buscou identificar as formas de planejamento realizadas, a realização do controle



Contabilidade e Perspectivas Futuras

orçamentário, se praticado pelos mesmos e o comportamento em relação a administração de suas finanças pessoais.

Os discentes, conforme se exhibe no Quadro 05, foram questionados discentes se faziam planejamento financeiro para cada mês subsequente, e se ao elaborar consideravam receitas, despesas e reservas para eventos inesperados. Sendo quanto maior o numero de informações utilizadas, mais eficaz é o planejamento.

Planejamento financeiro	Ensino Médio	%	Graduação	%	Pós-Graduação	%	Total	%
Nunca faço	23	49%	9	11%	2	7%	34	22%
Faço considerando somente as despesas	11	23%	9	11%	4	13%	24	15%
Faço considerando receitas e despesas	0	0%	31	39%	8	27%	39	25%
Faço considerando receitas, despesas e sobras	13	28%	31	39%	16	53%	60	38%
Total	47	100%	80	100%	30	100%	157	100%

Quadro 05. Frequência na realização de um planejamento financeiro

Os resultados evidenciados no Quadro 04 em relação controle do orçamento, mostram que 49% dos respondentes do ensino médio nunca fazem planejamento financeiro e entre os que realizam, 79% utilizam meios manuais para a elaboração. Por sua vez 39% dos graduandos e 53% do alunos de pós graduação planejam seu orçamento considerando as receitas, despesas e reserva de sobras, sendo 82% e 89% respectivamente dos discentes utilizam como meio de elaboração as planilhas eletrônicas.

Os dados quanto as formas de elaboração dos controles financeiros utilizados foi coletado dos respondentes e demonstrado no Gráfico 01.

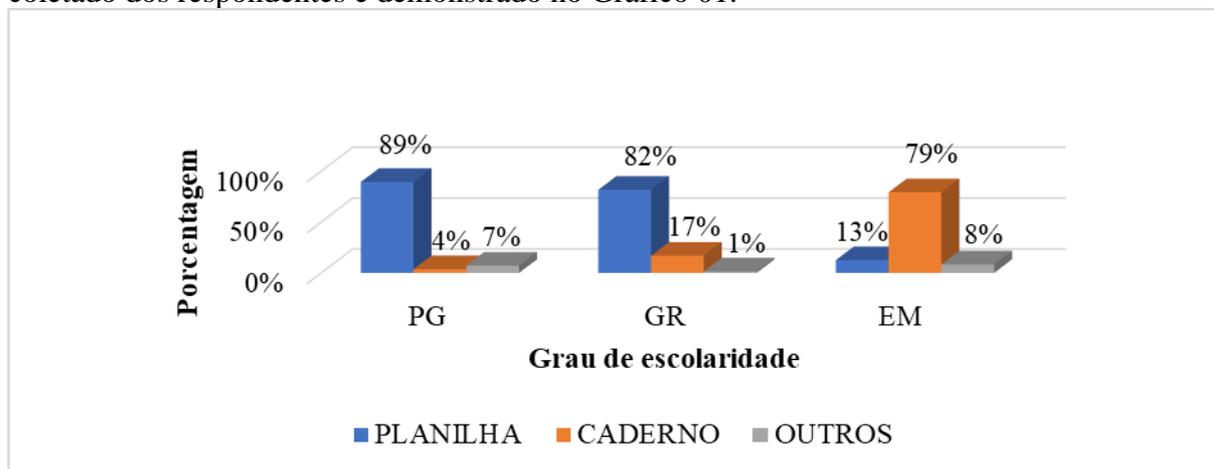


Gráfico 01. Percentual da Forma de como é feito o planejamento financeiro

Os resultados apresentados no Grafico 01 evidenciam que quanto maior o grau de escolaridade, mais habitual o controle de finanças, maior a renda salarial, porém também com média de idade superior.

Na sequência das pergunta, os discentes foram questionados sobre sua a reação dos frente a gastos inesperado, com a finalidade de apontar qual a fonte de recurso procurada em uma emergência financeira, conforme se apresenta no Quadro 06.



Reação diante de gasto inesperado	Ensino Médio	%	Graduação	%	Pós-Graduação	%	Total	%
Utilizo o limite do cheque especial	0	0%	9	11%	1	3%	10	6%
Recorro a empréstimos	0	0%	2	3%	2	7%	4	3%
Vendo algum bem que possuo	1	2%	1	1%	1	3%	3	2%
Utilizo o cartão de crédito	6	13%	20	25%	13	43%	39	25%
Recorro a familiares	23	49%	33	41%	1	3%	57	36%
Outros	17	36%	15	19%	12	40%	44	28%
Total	47	100%	80	100%	30	100%	157	100%

Quadro 06. Porcentagem em relação a recorrência diante de um gasto inesperado

Destaca-se, de acordo com os resultados do Quadro acima, como reação mais comum entre os respondentes de graduação (33%) e pós graduação (23%) a busca por ajuda financeira de familiares, enquanto os alunos de ensino médio (20%) afirmam utilizar o cartão de crédito para estes eventos. Considerando os altos juros cobrados pelas administradoras de cartão de crédito é torna-se preocupante o uso do crédito bancário para saldar gastos inesperados.

4.2.3 Situação Financeira Atual

A abordagem em relação a situação financeira pessoal, exposta no Quadro 07, avaliou a relação dos respondentes com o capital financeiro pessoal, se os valores recebidos possibilitam o custeio dos gastos mensais. Esta análise possibilita avaliar o benefício do planejamento na saúde financeira do indivíduo.

Qual sua situação financeira atual	Ensino Médio	%	Graduação	%	Pós-Graduação	%	Total	%
Juntando dinheiro para pagar as dívidas	4	9%	13	16%	4	13%	21	13%
Sem dívidas	12	26%	7	9%	3	10%	22	14%
Guardando dinheiro para comprar algo que quero muito	9	19%	22	28%	8	27%	39	25%
Vivendo e gastando	7	15%	17	21%	4	13%	28	18%
Fazendo uma poupança para o futuro	6	13%	9	11%	6	20%	21	13%
Trabalhando para ajudar a minha família	4	9%	4	5%	3	10%	11	7%
Preocupado porque não sobra dinheiro	5	11%	8	10%	2	7%	15	10%
Total	47	100%	80	100%	30	100%	157	100%

Quadro 07. Percentual da situação financeira atual dos respondentes

Os resultados evidenciados no Quadro 07, apotam que dos respondentes do ensino médio 26% dizem estar “sem dívida”, em quanto 28% dos graduandos e 27% dos pós-graduandos afirmaram estar guardando dinheiro para comprar algo que quer muito. A análise destes dados permite observar que quando há o gerenciamento dos recursos financeiros, menor é a incorrência de dívidas e maior é a possibilidade de novas aquisições.

Dando continuidade na pesquisa, os discentes foram questionados sobre a forma de pagamento das suas compras. Os resultados encontram-se expostos no Gráfico 02.

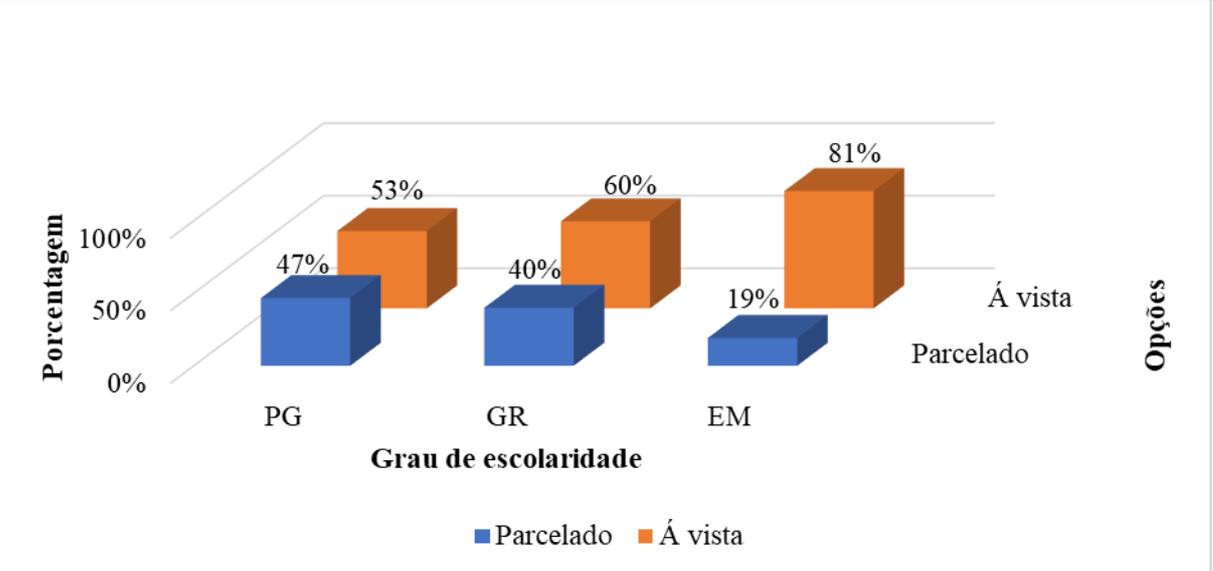


Gráfico 02. Percentual em relação a forma de pagamento

De acordo com o Gráfico acima, verifica-se que maioria dos respondentes costuma pagar à vista suas aquisições. Dos respondentes do ensino médio 81% afirmam não parcelar suas compras. Já os demais respondentes (pós e graduação) apresentam percentuais mais equilibrados entre as opções de pagamento à vista ou parcelado 47/53% e 40/60% respectivamente.

Outra questão abordada nesta categoria de análise, foi referente às aquisições sem planejamento e ou necessidade. O Quadro 08 apresenta os resultados.

Você já comprou alguma coisa e se arrependeu depois? Se já, porque se arrependeu?	Ensino Médio		Graduação		Pós-Graduação		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não precisava tanto	18	40%	41	54%	14	47%	73	48%
Precisou do dinheiro para outra coisa depois	11	24%	11	14%	2	7%	24	16%
Percebeu que o objeto não era de boa qualidade ou durou pouco	5	11%	4	5%	4	13%	13	9%
Achou um produto melhor ou mais em conta depois	9	20%	8	11%	1	3%	18	12%
O objeto não deixou você tão feliz quanto pensava em deixar	2	4%	12	16%	9	30%	23	15%
Total	45	100%	76	100%	30	100%	151	100%

Quadro 08. Percentual em relação ao arrependimento na efetivação de uma compra

Observa-se no Quadro acima, que por diferentes razões os respondentes já se arrependeram de aquisições por impulso. Na avaliação, 47% dos alunos de pós-graduação, 54% dos alunos da graduação e 40% dos alunos do ensino médio afirmaram que o produto adquirido era algo sem necessidade, o que representa falta de controle financeiro gerado a partir do estado emocional dos indivíduos pesquisados.



Contabilidade e Perspectivas Futuras

Florianópolis, SC, Brasil
 Centro de Eventos da UFSC
 12 a 14 de agosto de 2018

Identificou-se nas respostas do Quadro 09, que independentemente do grau de instrução as aquisições desnecessárias ocorrem e os respondentes afirmaram falta de equilíbrio do desejo/necessidade no momento da compra, onde poderiam ter economizado se fizessem uma pesquisa de mercado por preços e produtos.

O que você acha que faltou?	Ensino Médio	%	Graduação	%	Pós-Graduação	%	Total	%
Equilibrar desejo e necessidade	19	42%	24	32%	14	47%	57	38%
Estabelecer prioridades para uso do dinheiro	8	18%	38	50%	10	33%	56	37%
Pesquisar preços e produtos	18	40%	14	18%	6	20%	38	25%
Total	45	100%	76	100%	30	100%	151	100%

Quadro 09. Percentual em relação as compras com posterior arrependimento

Uma das questões apresentadas era para saber como os discentes gastariam determinado valor extra recebido. O Quadro 10 apresenta os resultados obtidos.

Como gastaria R\$ 50.000,00 se ganhasse e não precisasse devolver	Ensino Médio	%	Graduação	%	Pós-Graduação	%
Iria pagar minhas contas domesticas	0	0%	9	11%	1	3%
Iria adquirir uma casa própria ou investir em minha casa	0	0%	33	41%	7	23%
Faria um investimento financeiro	1	2%	28	35%	18	60%
Iria gastar em festas ou lazer	6	13%	3	4%	0	0%
Trocaria ou adquiriria um veiculo	23	49%	6	8%	2	7%
Investiria em um curso de aperfeiçoamento pessoal ou profissional	17	36%	1	1%	2	7%
Total	47	100%	80	100%	30	100%

Quadro 10. Percentual em relação a utilização do dinheiro extra.

Os resultados apresentados no Quadro 10 são bem distintos. Os 49% dos respondentes do ensino médio investiriam em aquisição ou troca de veículo, e um percentual significativo (36%) investiriam em cursos de aperfeiçoamento pessoal. Por outro lado, os respondentes da graduação investiriam em sua casa propria ou então realizariam aplicações financeiras, segunda opção mais cogitada. Por fim, 60% ds pós-graduandos afirmaram que fariam investimentos financeiro. Pode ser observado que poucos usariam este valor para lazer, e o investimento para aperfeiçoamento pessoal e profissinal desperta maior interesse nos respondentes do ensino médio.

5 Considerações Finais

Esta pesquisa teve como finalidade identificar a gestão financeira pessoal de estudantes do ensino médio, graduação e pós-graduação. Os dados foram obtidos por meio de questionário fechado, com uma população de 209 discentes obtendo-se amostra de 157 respondentes. Verificou-se que na graduação, o número de estudantes do sexo feminino foi consideravelmente superior ao sexo masculino. Respondentes estes com faixa etária de 15 a 52 anos de idade, com maioria expressiva de solteiros no ensino médio e graduação, sendo os casados superiores em 53% ao número de solteiros apenas na pós graduação. Dados estes similares em relação ao domicilio e filhos, onde a maior parte da amostra mora com os pais e não possuem filhos, diferente apenas dos pos-graduandos que moram com conjuges e 33% possuem filhos.



A análise quanto ao perfil financeiro pessoal dos respondentes tinha como propósito averiguar a posse de bens e suas origens, 50% possuem casas ou apartamentos e veículos com obtenção por meio de recurso próprio. Quanto à investimentos financeiro a poupança foi a opção mais comum. Em relação a salário, ensino médio possui menor renda.

Traçando um planejamento financeiro observa-se com os dados obtidos que quanto maior a idade e o grau de instrução, maior a ocorrência de planejamento e controle dos recursos e suas aplicabilidades. Os que preferem o pagamento à vista ao parcelado, são a maioria e quando deparados com gastos fora do orçamento o habitual é recorrer a familiares ou cartão de créditos para a obtenção do recurso, opções também consideráveis foram trabalhos extras e resgate de valores aplicados. Quando classificado a amostra geral quanto a situação financeira atual, as opções entre endividado, economizando ou investindo, teve o percentual de 25% que afirma estar economizando e 18% sem dívidas e sobras.

A pesquisa coletada mostrou que ocorrem muitos gastos sem necessidade gerando arrependimento, que poderia ser evitado com o estabelecimento de prioridades e equilíbrio emocional. E ao propor qual seria a reação dos respondentes caso houvesse um ganho inesperado de R\$ 50.000,00. Acadêmicos do ensino médio aplicariam em bens móveis, os de graduação investiriam em bens imóveis, onde inclui-se os investimentos, e os pós-graduação aplicariam em investimentos financeiros.

Finalmente é importante assinalar que nesta pesquisa não se procurou encontrar relações causais, mas apenas analisar o conhecimento dos discentes sobre finanças pessoais. Por tanto, se sugere que novos trabalhos sejam desenvolvidos incluindo outros modelos propostos para a investigação desta temática, em especial os que aprofundem as relações causais.

Referências

- Alfest, L. (2004). Personal financial planning: origins, development and a plan for future direction. *American Economist*, 48(2), pp. 53.
- Assaf Neto, A. (2005). *Mercado financeiro*. 6ª. ed. São Paulo: Atlas.
- Avard, S., Manton, E., English, D. & Walker, J. (2005). The financial knowledge of college freshmen. *College Student Journal*, 9(2), pp. 321-338.
- Cerbasi, G. P. (2004). *Casais inteligentes enriquecem juntos*. São Paulo: Gente.
- Chen, H. & Volpe, R. P. (1998). An analysis of personal financial literacy among college students. *Financial Services Review*, 7(2), pp. 107-128.
- Costa, M. C. (2004). *Finanças pessoais: um estado de arte*. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – USP. São Paulo.
- Danes, S. M. & Hira, T. K. (1987). Money management knowledge of college students. *Journal of Student Financial Aid*, 17(1), pp. 4-16.
- Frankenberg, L. (1999). *Seu futuro financeiro*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Campus.
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª ed. São Paulo: Atlas.
- Gitman, L. J. (2001). *Princípios de administração financeira*. 2ª. ed. Porto Alegre: Bookman.
- Greenspan, A. (2003). The importance of financial and economic education and literacy. *Social Education*, 67, pp. 70-72.
- Halfeld, M. (2006). *Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro*. São Paulo: Fundamento Educacional.
- Halpern, M. (2003). *Gestão de investimentos*. São Paulo: Saint Paul Institute of Finance.



Contabilidade e Perspectivas Futuras

Florianópolis, SC, Brasil
Centro de Eventos da UFSC
12 a 14 de agosto de 2018

- Hung, A. A., Parker, A. M. & Yoong, J. (2009). Defining and measuring financial literacy. *RAND Labor and Population*, working paper WR-708.
- Huston, S. J. (2010). Measuring financial literacy. *Journal of Consumer Affairs*, 44(2), pp. 296-316.
- Jacob, K., Hudson, S. & Bush, M. (2000). *Tools for survival: analysis of financial literacy programs for lower-income families*. Chicago: Woodstok Institute.
- Jelley, H. (1958). *A measurement and interpretation of money management understandings of twelfth-grade Students*. Doctoral dissertation, University of Cincinnati.
- Kehiaian, S. E. (2012). Factors and behaviors that influence financial literacy in U.S. households. Tese (Doctor of Business Administration), Nova Southeastern University, Fort Lauderdale.
- Lana; J., Lizote, S. A., Rocha, A., Brand, A. & Verdinelli, M. A. (2011). Um estudo sobre a relação entre o perfil individual e as finanças pessoais dos alunos de uma instituição de ensino superior de Santa Catarina. *In: Anais do XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul*, 2011.
- Lusardi, A. & Mitchell, O. S. (2007). Financial literacy and retirement preparedness: evidence and implications for financial education programs. *CFS Working Paper*, 15, pp. 28.
- Lusardi, A. (2009). Debt literacy, financial experiences, and over indebtedness. *NBER Working Paper*, 14808, pp. 44.
- Marcolin, S. & Abraham, A. (2006). *Financial literacy research: current literature and future opportunities*, *In: Basu, P., O'Neill, G. & Travaglione, A. (Eds.), Proceedings of the 3rd International Conference on Contemporary Business*, Leura NSW.
- Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2010). *Fundamentos de metodologia científica*. 7ª ed. São Paulo: Atlas.
- Moore, D. (2003). Survey of financial literacy in Washington State: knowledge, behavior, attitudes and experiences. *Technical Report*, 03(39), Pullman, WA: Washington State University, 2003.
- Remund, D. (2010). Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. *The Journal of Consumer Affairs*, 44(2), pp. 276-295.
- Robb, C. A. & Sharpe, D. L. (2009). Effect of personal financial knowledge on college students' credit card behavior. *Journal of Financial Counseling and Planning*, (20)1, pp. 25-40.
- Rocha, J. (2009). *Devo, não nego: tudo o que você deve saber para sair da dívida e tem vergonha de perguntar*. 2ª. ed. São Paulo: Saraiva.
- Securato, J. R. (2002). *Análise e avaliação de risco: pessoas físicas e jurídicas*. São Paulo: Editora Atlas.
- Silva, J. P. da. (2006). *Gestão e análise de risco de crédito*. 5ª. ed. São Paulo: Editora Atlas.
- Volpe, R. P., Chen, H. & Pavlicko, J. J. Personal investment literacy among college students: a survey. *Financial Practice and Education*, 6(2), pp. 86-94.
- Volpe, R., Chen, H. & Liu, S. (2006). An analysis of the importance of personal finance topics and the level of knowledge possessed by working adults. *Financial Services Review*, 15, pp. 81-98.

8º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças
8º Congresso UFSC de Iniciação Científica em Contabilidade
1º Congresso FURB de Ciências Contábeis
3º Congresso de Gestão e Controladoria da UNOCHAPECÓ



Contabilidade e Perspectivas Futuras

Florianópolis, SC, Brasil
Centro de Eventos da UFSC
12 a 14 de agosto de 2018

Xu, L. & Zia, B. (2012). Financial Literacy around the world: an overview of the evidence with practical suggestions for the way forward. World Bank, *Policy Research Working Paper* pp. 56.